CORREIO PAULISTANO

Editor-gerente---Joaquim Roberto de Azevedo Marques

ANNO XXXIV | S. PAULO---Quinta-feira, 8 de Setembro de 1887 | N. 9306

CORREIO PAULISTANO

7 de Setembro

Realisou-se hontem, ao meio dia, na Cathedral, um solemne *Te-Deum* para commemorar a independencia do Imperio.

Assistiram a este acto religioso os exms. srs. drs. vice-presidente da provincia, chefe de policia, diversos funccionarios publicos, os officiaes das companhias de cavallaria, de infantaria, do corpo policial permanente e grande concurso de povo.

Desastre

O foguista do trem que da capital parte para Campinas, ás 2 horas e 50 minutos da tarde, cahio da machina, ante-hontem, entre as estações do Bom Retiro e de Agua Branca, ficando bastante offendido.

Monumento do Ypiranga

Recebemos o relatorio do presidente da commissão do Munumento do Ypiranga, exmo sr. Barão de Ramalho, lido em sessão de hontem.

Contém seis capitulos sob as seguintes epigraphes.

Illustrissimos senhores da commissão do Monumento do Ypiranga, o presidente Visconde do Parnahyba, as obras do monumento, o quadro historico da independencia do Brazil, receita e despeza do monumento e conclusão.

Fallecimento

Ante-hontem, ás 9 horas da noite, tendo-se recolhido a sua residencia, falleceu repentinamente, o estimado moço sr. Antonio Barreto do Amaral.

Sua mórte sorprehendeo dolorosamente a todos os seus amigos e conhecidos que eram unanimes em reconhecer as virtudes de que era dotado.

Contava pouco mais de 20 annos.

O enterro realisou-se hontem, ás 5 horas da tarde, com grande acompanhamento.

A sua exma. familia nossas condolencias.

Seguio hontem para a côrte o nosso distincto collega da *Gazeta de Noticias* sr Manoel da Rocha, que viera a esta provincia restabelecer-se de uma enfermidade que o accometteo na côrte.

Desejando que os ares de sua provincia tenham approveitado áquelle nosso collega, cumprimentamol-o e agradecemos a sua amavel visita de despedida.

No Amparo suicidou se o sr. João Mendes do Amaral, fazendeiro naquelle municipio.

Ha dias manifestara-se alteração em suas faculdades mentaes.

Era muito estimado e sua morte foi muito sentida.

Hontem, ás 7 horas da manhã, falleceu nesta capital, com 60 annos de edade, o commendador José Severino Fernandes.

Gosava de estima geral e era dotado de bastante intelligencia.

Foi administrador geral dos correios desta provincia e secretario da Companhia Paulista.

A sua familia nossos pesames.

Em S João da Boa Vista foram roubados em mais de 6 contos de réis os italianos Miguel Peixe e José Antonio Griz, donos de uma officina de funileiros.

A camara municipal de Araras, sob proposta do vereador sr. José Alberto Machado, deliberou crear um *livro de ouro*, para nelle serem inscriptas as assignaturas das pessoas que concorrerem para a libertação dos escravos do municipio.

Hygiene

O digno sr. dr. inspector de hygiene, pede-nos que rectifiquemos pequenos enganos que passaram na revisão do artigo publicado por s s. em nossa folha de ante-hontem sob este titulo.

As rectificações são as seguintes:

« Na segunda columna, linha 45 onde se lê *que só ha individuos* etc— leia-se *que si ha individuos* etc.

Na mesma columna, linha 108, onde se lê *que não se falla della*—leia-se *que lá se falla della.*

Existiam hontem no alojamento provincial de immigração. 45 pessoas.

Renda do correio geral de São Paulo

Mez de Agosto do terceiro semestre do exercicio de 1886—1887.

Total.		39:516$210
Administração		
Venda de sellos. . .	9:271$160	
Premio de saques. . .	84$000	
Correspondencia de porte	393$120	
Assignaturas	51$000	
Multas	83$150	
Franquia de jornaes. .	1:389$150	11:271$580
Em igual mez do anno de 1886.		8:857$710
Em igual mez do anno de 1885.		7:709$040
Mez de Agosto do terceiro semestre do exercicio de 1886—1887		
Agencias		
Venda de sellos. . . .	25.917$120	
Premio de saques. . .	6$000	
Correspondencia de porte	760$940	
Assignaturas	1:092$000	
Multas	8$160	
Franquia de jornaes. .	484$610	
Venda de jornaes velhos.	5$500	28:274$630
Em igual mez do anno de 1886		23:110$420
Em igual mez do anno de 1885		21:592$220
Vales postaes emittidos.		4:186$460
Vales postaes pagos. . .		6:865$000

Companhia do Theatro D. Maria II

UM PARISIENSE

A peça ante-hontem representada pela Companhia do theatro de D. Maria II é de Gondinet. Este mostra no correr dos tres actos do *Parisiense*, que não obstante, a vida e animação que se nota na capital do mundo europêo, em que cada homem é uma machina sempre em movimento continuo, ha individuos para quem a commodidade e tranquillidade de espirito fal-os ter um *modus vivendi* especial.

O typo de parisiense apresentado por Gondinet no seu trabalho, não é, porém, o de um parisiense envolvido no turbilhão dos *boulevards*, das ruas barulhentas de Paris, e dos mil outros meios pelos quaes se manifesta a agitação continua em que se acha a capital da França; o que o auctor da peça imaginou foi o parisiense creado no meio em que nasceo, mas affastado delle, commodista e tendo mesmo alguma dóse de egoismo, mas ao mesmo tempo alimentando os sentimentos da honra e da lealdade.

De reproduzir a idealisação de Goudinot em scena encarregou-se ante-hontem o actor Augusto Roza que o fez irreprehensivelmente no papel de Brichanteaud.

Parece que cada phrase desse papel merecou de Augusto Rosa estudo especial e aturado para dizel-a com tanta naturalidade!

Si já não tivessemos reconhecido o merecimento real deste artista, tinhamos no *Parisiense* um justo ensejo para fazel-o.

O publico tambem reconheceu isso, applaudindo o provecto actor desde a sua entrada em scena.

O actor Costa deu-nos o mais singular dos senhorios de que ha noticia. E com tal graça o fez que trouxe a platéa em constante hilaridade.

A Silva Pereira foi dado o papel de Plontaubert, o marido que tinha para com a mulher o alto valor... de zero a esquerda da unidade. O caracteristico desse typo foi perfeitamente comprehendido por Silva Pereira, que mereceu dos assistentes francos applausos.

A sra. Plontaubert, uma mulher energica, cujo genio expedito dava-lhe o direito de cabeça do cazal, teve na actriz Carolina Falco fiel reproducção.

Os demais artistas de modo a nada deixarem a desejar.

O *Parisiense* agradou immensamente, e pena foi que a concurrencia tivesse sido tão diminuta. Os que lá não foram perderam a occasião de apreciar mais essa joia do theatro francez.

Deu principio ao espectaculo a comedia — *Posso fallar a sra. Queiroz?*, pela qual foi substituida á ultima hora, a peça — *O Desquite*, em consequencia de enfermidade da actriz Virginia. Aquella agradou e os artistas que nella tomaram parte foram applaudidos.

Hoje — *Othelo.*

Mercado do Assucar

A 5 venderam-se 12,000 saccas

Mercado firme.

Entraram a 6.	3 599	saccas
Entraram desde 1°. . .	19.502	»
Termo medio das entradas.	3.250	»
Vendas desde 1°. . . .	32.000	»
Existencia em primeiras mãos	267 000	»
Existencia em segundas mãos	64.000	»

Conta o *Correio de Campinas* o seguinte facto:

« Ante-hontem, á meia noite, o sr. Clemente Gomes da Fonseca teve um aviso no sitio, de que um seu filhinho tinha fallecido na cidade.

« O sr. Clemente montou immediatamente a cavallo e dirigia-se para a cidade quando ao chegar ao lugar denominado Matto Comprido, lugar de aspecto lugubre, foi assaltado por tres individuos, dous dos quaes de côr branca e um preto.

« Evidentemente o fim dos tres era roubar.

«O sr. Clemente defendeu-se, apontando um revòlver aos assaltantes que, á vista da attitude resoluta daquelle senhor, entenderam melhor esconder-se no matto. »

Nas proximidades do Jahú deu-se ha dias um lamentavel desastre.

Estando um tal Zacarias fazendo uma derrubada cahio lhe sobre a cabeça um pau, que matou-o instantaneamente.

Passou-se diploma habilitando o bacharel Aristides Elias Penalva de Faria ao cargo de juiz de direito.

Foi concedida a licença de dous mezes ao alferes da companhia de infanteria desta provincia, José Bezerra de Menezes Sá, para tratar de sua saude.

Obituario

Sepultaram-se no cemiterio municipal os seguintes cadaveres:

Dia 7 de Setembro de 1887

Benedicto, 2 1/2 annos, filho de Maria Fernandes da Conceição, moradora na freguezia da Sé: meningite. (Attestado do cirurgião mór Candido Ribeiro dos Santos).

Maria, 15 mezes, filha de Benedicta Leopoldina de Tolosa, moradora na freguezia da Consolação: intero-colite. (Attestado do dr. Jayme Serva).

Generosa, 25 annos, brazileira, fallecida no Hospital dos Lazaros: lepra. (Attestado do dr. Sylvio Maya).

Maria Monfredini, 2 mezes, filha do italiano Alexandre Monfredini, fallecida no Hospital de Caridade: athrepsia. (Attestado do dr. Sylvio Maya).

Féto do sexo masculino, nascido morto, filho de José Maria Ribeiro, morador na freguezia da Sé: inviabilidade. (Attestado do dr Fernando de Barros, medico da policia).

Vaccina

Na repartição de hygiene foram hontem vaccinadas 12 pessoas, tendo-se procedido á collecta de lympha em 7 vaccinados.

A mesma repartição remetteu 8 laminas e 4 tubos com puz vaccinico ao professor publico da estação do Baruery.

LITTERATURA

Musa hodierna

Conselhos...Conselhos...

Não têm faltado boccas de serpentes
(D'essas que amam fallar de todo o mundo
E a todo mundo ferem maldizentes)
Que digam :—« Mata o teu amor profundo !

« Abafa-o, que teus passos imprudentes
« Vão te levando a um pelago sem fundo :
« Vaes te perder» —E arreganhando os dentes,
Movem para teu lado o olhar immundo :

« Se ella é tão pobre, se não tem belleza,
« Irás deixar a gloria desprezada
« E os prazeres perdidos por tão pouco ?

« Pensa mais no futuro e na riqueza !...»
E eu penso que afinal...Não penso em nada :
Penso apenas que te amo como um louco !

OLAVO BILAC.

Anacreonte

A VALENTIM MAGALHÃES

Anacreonte parte para Athenas...

PLATÃO.

Mar jonio em fóra, á pôpa da galera,
Medita o velho dos festins sagrados,
Entre velas de purpura, e dourados
Mastros, brilhando a um sol de primavera.

O manto ás auras solto, a barba austera
E os cabellos de essencias perfumados,
Leva uma eburnea lyra,—os seus cuidados—
Suspensa ao peito, e á mão um thyrso de hera,

Rumo de Athenas leva. O mar frisando
Vae a galera, com festões virentes,
Emquanto, n'agua os corpos baloiçando.

Brincam Nereidas, a fitar, curiosas,
Anacreonte, á pôpa—as cans luzentes—
Coroado de pampanos e rosas.

EDUARDO CHAGAS.

Dura Veritas

Creio-me algum leão, creio-me a féra
Possante e valorosa da floresta,
Sempre que meço a força que accelera
Meu sangue juvenil saltando em festa.

Sinto-me grande, corajoso, ousado,
E, se tua força então á minha força
Comparo, vejo em ti, meu delicado
E tormentoso amor, a debil corça.

Mas, quando nos achamos frente a frente,
Quando eu murmuro a confissão sicera
Do amor que me arrebata vorazmente.

E vejo estrebuxar minha chimera
Nas chammas d'esse olhar indifferente,
Eu sou então a corça e tu a féra...

WENCESLÁO DE QUEROZ.

VARIEDADE

O primo Marcos

Logo que sahi do seminario achei-me mettido em uma roda de moçoilas endiabradas, minhas priminhas, filhas do sr. commendador Antunes. Achei-me completamente deslocado.

Ellas perseguiam-me, atiravam-me beijinhos que estalavam, pregavam fitas azues, damnadamente corriqueiras, na minha severa batina negra de seminarista, dançavam diante de mim habaneras, durante as quaes eu, tremulamente, distinguia nesgas de pernas e pedaços de hombros nús e brancos. Eu fugia. Aquelles rostos corados, emoldurados em cachos de cabellos doirados, aquellas feiticeiras boquinhas rubras, eternamente abertas n'um riso ironico, deixavam-me meditabundo e pantalão. A cada beijinho que me atiravam, pelo ar, eu pensava, sorumbatico e cabisbaixo, que foi a mãe Eva quem perdeu Adão; e quando ellas, traiçoeiramente, davam-me um abraço muito apertado, eu imaginava, pallido de susto, que, naquella hora, Pedro Botelho andava atiçando o fogo eterno nas formidaveis caldeiras!

Porém, atterrorisavam-me deveras as traquinices do primo Marcos, um chibante rapaz, que trazia sempre uma malvadez engatilhada contra mim. Ah, ladrão! Quantas vezes não pintou elle, a giz, uma grande cruz nas minhas costas, religiosamente cobertas pela batina, emquanto as primas disparavam a rir, atirando sobre mim pequeninos *bouquets* de rosinhas brancas?

Tambem eu, enraivecido, jurei vingar-me. Um dia pilhei-o a dar um beijo na Luizinha, alli atraz d'umas bananeiras, agarrando-a pela cintura, espinhando aquelle beiço pecaminoso, onde, todavia, já vinha despontando o buço. Eu, com todo o meu desfructe de seminarista ingenuo, enchi-me de santa indignação. Armei-me d'um impagavel ar sacerdotal, franzi as sobrancelhas, finquei a vista severa de moralista sobre os culpados que quedaram-se tremulos e pallidos, e deitei solemnemente um sermão memoravel:

—Que aquillo era improprio dos verdadeiros filhos de Deus; que, certamente, o primo Marcos estava possesso; que o beijo, segundo os theologos, é uma acção torpe e immunda; que foi com um beijo que o Iscariote trahio Jesus. .

Mas o Marcos, interrompendo o meu rico sermão, disse, semvergonhamente, com aquella voz de taquara rachada:

—Tu tens razão, priminho... Mas, olha cá... Não contes nada a papai, sim? que eu dar-te-hei alguma cousa...

A Luizinha, toda chorosa, ergueu para mim os bellos olhos azues e murmurou, docemente:

—Não diga a mamãe, sim? Olhe que...

Fitei os dois, indignado. Oh, senhores! Que pouca vergonha! Que desaforo! Que porcaria! E gritei, furioso, fulminando-os:

—Conto, sim, sua besta! Ora ahi está. e mais hei de contar a mãe daquella lambisgoia de Luizinha, e hei de dizer tudo, sim senhores, e mais isto e mais aquillo!...

A Luizinha, ao ouvir estas coisas, disparou a chorar, emquanto eu repetia, com furia:

—Conto... Ora ahi está... Hei de contar tudo tim tim por tim tim... Olá, se conto!

Mas o Marcos então avançou para mim, com os olhos coruscantes, a face apopletica, e disse, entre os dentes, encostando-me á cara o punho nervoso e cerrado:

—Si alguem souber disto fica sabendo que esborracho-te as ventas, seu cachorro!

Cachorro! Elle disse que eu era um cachorro! Oh, Deus meu! Jámais ouvi chamar-se-me assim! O Marcos já ia longe, levando comsigo a desolada Luizinha, e eu que dava-me ainda, tremulo, attonito, cheio de medo, pensando no punho cerrado do Marcos, calculando que aquelle pulso era talvez muito forte e que as minhas ventas eram certamente muito frageis! Oh, que raiva senti!

FOLHETIM 75

OS USURARIOS DE PARIZ

POR

ODYSSE BAROT

TERCEIRA PARTE

XII

DESMASCARADO

(*Continuação*)

O que Muguette via de mais claro, na scena a que acabava de assistir, é que estava em presença, não de dous esposos, mas de dous amantes.

Isso alliviava-a. O rompimento seria mais facil

—Oh! minha senhora! Sempre sou muito infeliz!

—Venha para o meu quarto, minha filha. Toma-la-hei sob a minha salvaguarda. O seu indigno... marido...

E sublinhou a palavra com intenção, lançando ao pseudo conde italiano um olhar de desafio, que elle supportou com apparente firmeza.

—O seu indigno marido não ousará persegui-la, no meu quarto. Venha.

Abrio a porta e arrastou a condessa, antes que Santa-Pieri pudesse ter idéa de se oppôr a isso,

Logo que ficaram sós, Muguette agarrou nas mãos da sua protegida.

—Querida senhora, comprehendo o seu desespero. Tome coragem e deixe já esse homem.

—Deixa-lo! Eu! Vergonhosamente, como uma criminosa! Não, a minha dignidade e a minha honra antes de tudo!

—Então, o que conta fazer? Continuar a soffrer os seus máos tratos? Isso é loucura, minha senhora.

—Não. Não tenho razão de queixas para requerer divorcio.

—Divorcio! repetio machinalmente a sua interlocutora, com ar incredulo.

Por seu lado o conde, intimidado com o olhar de Muguette, não tinha tido nem presença de espirito nem força para se oppôr á sahida de sua mulher.

Mas, em breve, se arrependeu daquella fraqueza.

Se não tomasse cautela, sua inimiga trahiria o segredo da sua identidade.

A consciencia de um perigo eminente restituio-lhe a energia.

Pelo sim pelo não, começou por queimar todos os papeis compromettedores e, sobretudo, uma carta de seu pae, que elle tinha ido buscar ao correio e que se esquecêra de destruir.

Era essa carta, que elle não tinha querido deixar ver á mulher.

Logo que a reduzio a cinzas, correu ao quarto, occupado por Muguette, bateu á porta, que estava fechada a chave.

—Abra, disse elle baixinho e em tom calmo.

—Não abra, disse a condessa á sua nova amiga.

E, fallando em voz alta, afim de ser ouvida pelo marido:

—Sim! repito, minha senhora, a minha resolução está tomada; vou recorrer aos tribunaes e requerer o meu divorcio.

—Rosa Branca, escute-me, proseguio de Santa Pieri, com inflexão de singular humildade. Rosa Branca, perdoe-me!

Aquella palavra de *divorcio* tinha-o repentinamente socegado, provando-lhe que Muguette ainda de nada sabia.

O mais prudente era dissimular e tomar uma attitude de arrependimento.

—Vamos lá, Muguette não é má rapariga, disse elle comsigo.

E parlamentava de novo,

A Condessa que, no fundo, o que queria era perdoar mais uma vez ao culpado, que ella continuava a amar, quiz ainda assim dar provas de firmeza.

—Não, não quero mais tornar a vê-lo. Tudo está acabado entre nós. Vou procurar um advogado. Não abra, minha senhora, não abra!

A dansarina cada vez estava mais perplexa.

—Deixe-me fallar-lhe, disse ella baixinho á condessa. Eu a desembaraçarei delle.

E accrescentou á parte:

—E isso com duas palavras.

Sem esperar a resposta da Condessa, deu volta á chave e abrio a porta de par em par.

—Entre, senhor, disse ella com frieza.

Elle precipitou-se no quarto e approximou-se da mulher.

—Não se approxime, sr. Conde.

—Rosa Branca, em nome do céo, volte para o nosso quarto. Fui um tanto arrebatado...

—Chama a isso ser arrebatado!

—Fui grosseiro, brutal. Estou arrependidissimo. Vem... Eu te mostrarei as cartas.

—Agora, que estão queimadas, disse Muguette, fulminando-o com o olhar.

—Tem razão, minha senhora. Eu posso ter lá confiança nelle. E' uma existencia destas, que prometteu ha apenas dois mezes, quando me levou á egreja.

E poz-se a soluçar ainda com mais força.

—A' egreja! pensou Muguette. Então, elles serão effectivamente casados? Chegou a hora de quebrar os vidros!

—Rosa Branca, em nome do nosso amor, vem, eu te explicarei tudo.

—Effectivamente é necessaria uma explicação. E' indispensavel. E sou eu quem a reclama e quem a vae provocar.

Santa-Pieri empallideceu e deitou á antiga amante de seu pae um olhar supplice.

Sem se commover esta voltou-se para Rosa-Branca.

—Minha senhora, permitte-me que lhe faça uma pergunta?

—Uma pergunta? Onde quer chegar?

O falso Conde, todo tremulo, tentou desviar a tempestade, operar uma diversão.

—Vem, meu anjo. Vem, eu te peço!

—Não, replicou ella com fogo.

—Para que se mette com as nossas questões?

—Já vae vêr, senhor.

E com ironia:

—Por fim de contas, se preferem explicar-se perante os tribunaes...

Santa-Pieri estremeceu.

—Minha senhora, responda, é mulher legitima de...

—Está sabido.

—Mas, mulher legitima de quem?

Santa-Pieri approximou-se ameaçador de Celestina Robichon.

—Cale se! Nem uma palavra mais! Não ultrage...

—Julga que me mette medo, sr. Heitor?

Rosa Branca estremeceu.

Heitor tinha vontade de estrangular Muguette.

—Sr. Heitor! murmurou a condessa imaginaria.

—Com que nome casou este homem com a senhora?

—Com o seu! Emilio de Santa-Pieri.

Muguette encolheu os hombros.

—Miseravel, exclamou o fingido italiano.

—Este homem é tanto Santa-Pieri como é conde!

—Ah! meu Deus! exclamou a moça, cahindo em uma cadeira.

—A senhora mente! E não comprehendo como é que...

—Este homem chama-se simplesmente Heitor Vernelle. E eu sei-o bem, porque fui amante de seu pai Este homem, condemnado como falsificador a dez annos de galés, não recuou, como vejo, diante de um novo crime, diante de uma nova falsificação.

Rosa Branca já não ouvia nada, cahira inanimada em cima da alcatifa.

Heitor tirou do bolso um punhal e lançou-se sobre Muguette, com um rugido surdo.

Infelizmente para elle e felizmente para a sua victima, a altercação começada no quarto delle e proseguida no quarto de Muguette, não tinha passado desapercebida.

Se elle estivesse menos desvairado, quando sahio do quarto para ir bater á porta vizinha, não teria deixado de ver grupos na escada.

Estavam escutando.

Não tinham perdido nem uma palavra.

Mesmo na occasião em que elle agarrava na garganta de Celestina Robichon e levantava o braço, a porta abrio se com violencia.

O punhal que ia ferir o coração da dansarina cahio das mãos do assassino

—Que barulho é este? exclamou o dono do hotel, entrando seguido pelos outros espectadores.

—Uma moça desmaiada, disse uma criada.

Todos correram para a condessa.

—E outra que iam assassinando, murmurou Muguette, mostrando o pretendido conde e a arma que estava no chão.

—Um semelhante escandalo em minha casa, conhecida em toda a Europa, resmungou o hoteleiro estendendo os braços com desespero. Vão assassinar-se para outra parte!

E apanhando o punhal com uma especie de terror:

—Meu Deus! meu Deus, que cousa aborrecida, continuava elle, emquanto que uns se apoderavam do criminoso e outros prestavam cuidados á sra. de Santa Pieri. Que cousa aborrecida! E a policia que está ahi a chegar! E os jornaes que vão contar a historia! Quem era capaz de esperar semelhante cousa da parte de um homem tão fidalgo e que nunca verificava as contas! Um falsificador e um assassino no hotel de Bergues! Daqui por diante hei de pedir aos viajantes todos os papeis, em devida regra.

XIII

O SUICIDIO

Abandonando Heitor nas mãos da policia, que mandaram buscar, a sua pobre mulher, meio louca de dôr, á solicitude de Muguette, voltemos á Pariz, onde deixamos a irmã da immaculada Conceição, preza de bem concebivel espanto, quando, depois de uma ausencia de cinco minutos, não tinha encontrado nem a carruagem nem a moça, que era encarregada de conduzir ao noviciado da ordem.

Em vão interrogou todos os passageiros que ainda se achavam nas immediações da estação, os carregadores que levavam as malas, os policiaes e os simples curiosos.

Ninguem mesmo parecia ouvil-a. Respondiam-lhe com ar distrahido.

Alguns mais mal criados riam-lhe na cara.

Acabou, entretanto, por saber que a moça da qual ella dava os signaes, tinha partido em companhia de um moço, no qual ella não deixou de advinhar o obsequioso companheiro de viagem que tinha entrado no seu compartimento na estação de Chartres.

Ao cabo de hora e meia de perplexidades, tomou o unico partido que determinavam as circumstancias.

Em lugar de continuar a viagem para Nancy, dalli em diante sem fim, não lhe restava senão entrar no trem da tarde e voltar para Mans, onde chegou extremamente confundida.

Entrementes e algumas horas apenas, depois da partida da irmã, o sr. Lenain, que não podia conter a sua anciedade, tinha partido na vespera e cahia em casa da cunhada como uma bomba.

Em consequencia da hora adiantada, não tinha julgado conveniente ir immediatamente lá, e preferio ir dormir em um hotel. No dia seguinte foi á casa da cunhado seguinte.

Vendo-o a devota, quasi que desmaiou. Balbuciou, perturbou-se.

—E então, Adrianna?

—Adrianna, meu irmão, Adrianna..

Não se sentia com forças para dizer mais nada.

—E então, Adrianna? Ainda não se levantou? Leve-me ao seu quarto.

As feições espantadas da sua interlocutora foram um raio de luz para elle.

—Ella não está aqui! Onde está ella? O que fez da minha filha?

—Deve ter recebido uma carta, em que ella lhe annuncia a sua resolução de se votar ao senhor!

—Maldição! Chego já muito tarde! Metteu-a em um convento...Já o desconfiava! A senhora abusou indignamente da minha confiança. Em todo o caso, ella é menor e não tem direito de se metter em um convento, sem minha licença.

—Que quer? Deus chamou-a a si.

Lenain deu uma gargalhada nervosa.

—Eu saberei arrancal-a ao seu Deus! Em que convento está?

—Não sei, disse a devota.

—Não sabe? e pensa que me contento com essa resposta. Corro ao gabinete do procurador da Republica.

A velha devota, que tinha promettido não comprometter as irmãs da immaculada Conceição, foi obrigada, em presença das ameaças do cunhado, a faltar á sua promessa.

Nova scena se produziu no convento.

As religiosas, aterradas, davam apenas respostas evasivas.

A fallar a verdade, estavam de boa fé, affirmando que ignoravam o retiro actual de Adriana.

Entretanto, Lenain acabou por obter a indicação da morada de Nancy, onde talvez, suppunham ellas, a piedosa menina se tivesse refugiado.

—Hei de queixar-me a justiça! clamava Lenain.

—Ora esta! respondeu a superiora com uncção, talvez que preferisse que ella fosse roubada por um moço!

—Preferia, sim senhor, preferia! respondeu elle.

Nesse mesmo dia voltou para Pariz, de onde contava dirigir-se immediatamente para Nancy.

Na pressa de tornar a encontrar a filha, Lenain tinha bastante vontade de não parar em Pariz e correr directamente para Nancy.

Em semelhantes circumstancias, os momentos eram preciosos.

As religiosas de Mans podiam ter telegraphado para a casa-mãi.

—Talvez que a tenham feito desapparecer e que a occultem em outra communidade.

Comtudo, um relancear de olhos, deitado sobre o *Indicador dos Caminhos de Ferro*, bastou para lhe mostrar, que a partida da estação de leste não coincidia exactamente, com o seu desembarque em Mont-parnasse.

Tinha apenas tempo para dar ordens, e instrucções ao pessoal da rua Lafayette, na previsão de uma prolongação possivel da sua ausencia.

Foi á casa.

A criada, que lhe veio abrir a porta, ficou estupefacta, vendo-o todo transtornado, com o ar sombrio, e os nervos agitados.

—Então o que tem o senhor? pergunta ella. Aconteceu alguma desgraça! O trem desencarrilhou?

—O que tenho? Uma desgraça!

—Oh! meu senhor, esta-me mettendo medo!

—Adrianna desappareceu! Roubaram-me a minha filha!

A criada olhou para elle, espantada.

—O meu amo estará doido?

A boa rapariga não conhecia os incidentes, que se tinham dado, na vespera, na estação Montparnasse.

—Unicamente, continuava Lenain, hão de entregar-me, mesmo que tenha de me dirigir á justiça! Prepara-me depressa o jantar. Daqui a uma hora, tomo o trem de Nancy.

Naquella occasião, ouviu-se passos, no patamar do primeiro andar.

Depois, um grito de alegria...

—Papá: é o papá!

(*Continúa.*)